



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 21, v. 1

jan-jul.2025

p. 199-218

Amatonormatividade homofóbica em “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu

(Homophobic amatonormativity in “Aqueles dois”, by Caio Fernando Abreu)

(Amatonormatividad homofóbica en “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu)

Luiz Gustavo Osório Xavier¹

RESUMO: Sustentada pelo sistema da monogamia, a amatonormatividade, conforme definida por Brake (2012), assume que relacionamentos românticos, centrais e exclusivos são “normais” e universalmente desejados, relegando outras relações de afeto à invisibilidade cultural. Com base nesse conceito, propõe-se uma análise do conto “Aqueles dois”, incluso em *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu, em que o relacionamento afetivo entre dois homens é percebido segundo a visão monogâmica e homofóbica da sociedade representada na narrativa. A análise objetiva criticar a hierarquização dos afetos e o preconceito homofóbico, além de investigar a atuação da amatonormatividade, elementos necessários para o funcionamento do sistema da monogamia. Este artigo foi desenvolvido utilizando como referenciais teóricos os estudos de Jenkins (2017), Núñez (2023) e Vasallo (2022), sobre a monogamia, e os trabalhos de Barata (2018), Calegari (2009) e Camargo (2010), sobre a obra do escritor.

PALAVRAS-CHAVE: amor; homoafetividade; homofobia; monogamia; sexualidade.

Abstract: Sustained by the monogamy system, the amatonormativity, according to Brake's (2012) definition, assumes that a central, exclusive, and romantic relationship is “normal” and universally desired, relegating other affective relations to cultural invisibility. Based on this concept, it's proposed an analysis of the short story “Aqueles dois”, included in *Morangos mofados*, by Caio Fernando Abreu, in which the affective relationship between two men is perceived according to the monogamous and homophobic view of the society represented in the narrative. The analysis aims to criticize the hierarchization of affections and the homophobic prejudice, in addition to investigate the operation of amatonormativity, all of which are necessary to the operation of the monogamy system. This essay was developed using as references the studies of Jenkins (2017), Núñez (2023) and Vasallo (2022), about monogamy, and the works of Barata (2018), Calegari (2009) and Camargo (2010), about the fictional production of the Brazilian writer.

Keywords: love; homoafetivity; homophobia; monogamy; sexuality.

Resumen: Sostenida por el sistema de la monogamia, la amatonormatividad, según definición de Brake (2012), asume que relacionamientos románticos, centrales y exclusivos son “normales” y universalmente deseado, relegando otras relaciones de afecto a la invisibilidad cultural. Basado en este concepto, se propone un análisis del cuento “Aqueles dois”, incluido en *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu, en que el relacionamiento afectivo entre dos hombres es percibido según la visión monogâmica y homofóbica de la sociedad representada en la narrativa. El análisis tiene como objetivo criticar la jerarquización de los afectos y el prejuicio homofóbico, además de investigar la actuación de la amatonormatividad, elementos necesarios para el funcionamiento del sistema de la monogamia. Este trabajo fue desarrollado usando como referencias los estudios de Jenkins (2017), Núñez (2023) y Vasallo (2022), sobre la monogamia, y los trabajos de Barata (2018), Calegari (2009) y Camargo (2010), sobre la obra del escritor brasileño.

Palabras clave: amor; homoafetividad; homofobia; monogamia; sexualidad.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG) com bolsa do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em Letras e Linguística e Bacharel em Letras, ambos na área de concentração em Estudos Literários, pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: luizgustavoox@gmail.com



1 Considerações iniciais

A proposta deste trabalho é de refletir sobre o modelo de relacionamento monogâmico a partir da análise de “Aqueles dois”, último conto da segunda parte de *Morangos mofados*, lançado em 1982, de Caio Fernando Abreu. A narrativa apresenta o desenvolvimento do relacionamento afetivo entre dois homens, Raul e Saul, desde o momento em que eles começam a trabalhar na mesma empresa. Dividido em seis partes, o conto demonstra a aproximação entre os personagens com o passar do tempo. Apesar de trabalharem nove horas diárias em mesas vizinhas, ambos mantinham a cordialidade e conversavam apenas sobre banalidades até que uma ocasião imprevista os faz descobrir interesses em comum. Os personagens desenvolvem, então, um forte vínculo afetivo que aumenta progressivamente a intimidade entre eles. Mesmo não sendo de caráter romântico nem sexual, o relacionamento de Raul e Saul desperta suspeita e incômodo nos colegas de trabalho, o que resulta na demissão de ambos.

Amparada nas teorias sobre a monogamia, a análise da narrativa permite a realização de uma crítica à hierarquização de afetos e ao preconceito homofóbico. Cabe destacar que a hierarquia de uns afetos sobre outros é a marca definidora da monogamia, compreendida como um sistema que ordena aquilo que chamamos de “vida privada”, constituída pelas relações interpessoais e práticas sexo-afetivas (Vasallo, 2022). O conto de Caio Fernando Abreu também possibilita uma reflexão sobre o funcionamento da amatonormatividade, que, segundo Elizabeth Brake (2012), opera a partir da assunção de que um relacionamento central, exclusivo e romântico é “normal” e universalmente desejado. Assim, as relações amorosas, aqui utilizadas como sinônimo de românticas, são valorizadas em detrimento de outras formas de relacionamentos afetivos e de cuidado, como as amizades e as redes de apoio, relegando à “anormalidade” todas as pessoas que não buscam pelos tipos de vínculos enaltecidos pelo sistema monogâmico, sejam eles românticos e/ou sexuais.

Para realizar a análise de “Aqueles dois”, primeiramente, serão apresentadas algumas considerações sobre o funcionamento e a manutenção da monogamia, com o suporte dos estudos de Brigitte Vasallo (2022) e Geni Núñez (2023). Em seguida, o amor romântico e o conceito de amatonormatividade serão debatidos a partir dos trabalhos de Carrie Jenkins (2017) e Elizabeth Brake (2012). Por fim, a análise da narrativa será efetuada, tendo como objetivo demonstrar como o relacionamento afetivo e não sexual entre os personagens centrais é julgado sob uma ótica monogâmica, homofóbica e amatonormativa. Além das considerações envolvendo as teorias mencionadas sobre a monogamia, a análise aqui apresentada tem como apoio os estudos de Barata (2018), Calegari (2009) e Camargo (2010) sobre a obra do escritor gaúcho.



2 O sistema da monogamia

A monogamia, enquanto sistema ou estrutura ordenadora da sociedade, é uma herança dos projetos colonizadores europeus, e contribui para a sustentação e a manutenção de outros sistemas políticos, econômicos e sociais, como, por exemplo, o capitalismo e o patriarcado. Brigitte Vasallo (2022, p. 19) afirma que a monogamia “é um sistema de controle de afetos marcado pelo neoliberalismo, que gera um modo de pensar constitutivo e necessário para a construção nacional europeia e para seu projeto colonial”. Geni Núñez (2023, p. 75) acrescenta a esse raciocínio o interesse europeu de incutir a moral cristã como a única possível a partir da imposição da monogamia, ressaltando que “embora muitas pessoas não associem a monogamia a uma religião específica, mas a algo universal e neutro, na verdade ela é uma orientação cujas bases vêm diretamente do cristianismo”.

Para a pesquisadora guarani, a impossibilidade da concomitância de relacionamentos afetivos constitui o núcleo da monogamia, e é a doutrina cristã que nos ensina que “ser amado se define pela não concomitância de relações românticas” (Núñez, 2023, p. 97). Para sustentar essa determinação, a monogamia se fundamenta em normas opostas e complementares, como as identidades definidas pela estrutura binária de sexo-gênero, imposta ao redor do mundo pelos processos coloniais europeus. Essa estrutura estabelece pressupostos, variáveis contextualmente, a serem seguidos para garantir a identificação das pessoas como “homens e mulheres de verdade”. Tais identificações são construções sociais baseadas em modelos inatingíveis definidos pelo imaginário dos grupos dominantes, além de suportarem “toda a estrutura da codependência reprodutiva entre homens e mulheres por meio da romantização de desejos e afetos” (Vasallo, 2022, p. 82). Essas identidades são pautadas em um modelo hierárquico, e é preciso lembrar que “homem e mulher não são meras descrições biológicas, são projetos políticos” (Núñez, 2023, p. 99). As classificações, afinal, não descrevem simplesmente a realidade, mas a criam, e há, em toda criação, algum interesse ideológico.

Outra importante observação da indígena guarani é a de que, no período contemporâneo, a monogamia tem perdido seu sentido original, que se referia a “poder ter apenas um (mono) casamento (gamia), uma vez que é bastante comum, em nosso contexto, que pessoas adultas tenham tido mais de um vínculo afetivo-sexual ao longo da vida” (Núñez, 2023, p. 57). Assim, a pesquisadora aponta que, atualmente, a monogamia é definida, em tese, pela não concomitância de relacionamentos romântico-sexuais, ou seja, significa que as pessoas, teoricamente, possuem apenas uma união amorosa por vez. A autora destaca que, “embora tenha havido diversas transformações na ideia de monogamia, o seu núcleo permanece, que é a impossibilidade da concomitância”



(Núñez, 2023, p. 58), acrescentando, ainda, que a prática monogâmica “[...] se organiza em torno de um contrato mútuo de exclusividade sexual” (Núñez, 2023, p. 76)².

De acordo com Brigitte Vasallo (2022), a monogamia é composta por quatro elementos: i) a romantização do vínculo, ii) o compromisso sexual, iii) a exclusividade, e iv) o futuro reprodutivo. Esses elementos conectam as definições culturais de amor, casal e monogamia, valorizando, dentro de um contexto de hegemonia heteronormativa, um modelo de família tipicamente burguês, focado na descendência do casal romântico. Em outras palavras, há uma centralidade e uma superioridade do núcleo amoroso e reprodutivo heterossexual sobre outros vínculos afetivos, utilizando três mecanismos centrais para garantir a posição superiora na hierarquia dos afetos: a positivação da exclusividade, a conjunção identitária e a competitividade (Vasallo, 2022). Desse modo, o sistema monogâmico legitima uma forma específica de relacionamento, admitindo exceções conforme elas se adequem ao modelo ideal pautado nos quatro elementos basilares mencionados, como é o caso de casais homossexuais e/ou não reprodutivos.

A pesquisadora espanhola destaca que a hierarquia é mais importante do que a exclusividade no sistema monogâmico, pois ele é “uma engrenagem que distribui privilégios a partir dos vínculos afetivos”, como também “um sistema de organização desses vínculos” (Vasallo, 2022, p. 38). É importante ressaltar que a monogamia funciona alicerçada em uma cultura heterossexual, produzindo desejos heteronormativos mesmo em pessoas de sexo-gênero dissidentes, como o desejo de casar e constituir uma família de acordo com o molde burguês. Desse modo, a monogamia “fomenta uma estrutura hierárquica que coloca no topo da escala os laços reprodutivos – o casal heterossexual, se quisermos simplificar” (Vasallo, 2022, p. 38), considerado como o núcleo central e mais importante, “o amor mais amor de todos”, relegando aos níveis inferiores da hierarquia outros tipos de relacionamentos afetivos, como os laços de amizade³. Em suma, o sistema monogâmico estabelece uma hierarquia mais ou menos implícita, que posiciona o amor romântico heterossexual, essencial para o estabelecimento da família nuclear, acima de outras formas de amar (Núñez, 2023).

2 Brigitte Vasallo (2022, p. 50) realça que “não é a exclusividade sexual que define a monogamia, mas é esse sistema – esse que organiza as relações em núcleos identitários, hierárquicos e em confronto – que precisa da exclusividade sexual. Porque, sem ela, não funcionam nem a identidade, nem a hierarquia e, em última instância, nem a confrontação. E dela necessita, por um lado, por ser a única maneira de garantir a filiação, a parentalidade e, por outro, por ser a medida para hierarquizar”.

3 No quarto capítulo de seu livro, Brigitte Vasallo (2022, p. 91) responsabiliza por essa visão “uma antropologia que classificou as relações amorosas em termos hierárquicos e cujo discurso penetrou, sem contestação, em todos os âmbitos”. Condenando o viés evolucionista desses estudos, a autora afirma que “a antropologia não apenas classificou as relações de parentesco de maneira hierárquica, mas o fez, no que dizia respeito à Europa, sobre ideais: não sobre a realidade do que estava acontecendo nem sobre a observação das práticas atravessadas pela classe. No centro, colocou-se o casal burguês europeu, e, a partir daí, o restante foi organizado” (Vasallo, 2022, p. 95). A pesquisadora destaca, também, que uma grave consequência disso é a ideia persistente de que “a monogamia é uma maneira mais evoluída, mais civilizada e mais autêntica de se relacionar amorosamente” (Vasallo, 2022, p. 99).



Existe um interesse político por trás da sustentação e manutenção dessa estrutura, pois o sistema monogâmico “atravessa todas as nossas construções e articulações grupais” (Vasallo, 2022, p. 127) e “faz parte da conjuntura da família defendida pelo Estado, caracterizada também pela heterocisnorma que orienta a misoginia e as demais violências sofridas por pessoas sexo-gênero dissidentes” (Núñez, 2023, p. 37). A hierarquia afetiva estabelecida pela monogamia distribui, injustamente, privilégios às pessoas que se adequam e custos às que não se adequam ao modelo de relacionamento amoroso e sexual por ela idealizado. Não é por acaso que “todo o modo de ordenar os vínculos, a identidade e a construção da alteridade intrínsecas à nação é monogâmico e está construído a partir da estrutura básica do Pensamento Monogâmico: hierarquia, exclusividade/exclusão e reafirmação da confrontação” (Vasallo, 2022, p. 138). Também não é por acaso que “os setores mais conservadores da política brasileira sempre tiveram como pauta a ‘defesa da família’, pois sabem que é por meio dessa instituição que uma série de violências e explorações é garantida” (Núñez, 2023, p. 64).

Para encerrar as considerações sobre a monogamia, é preciso destacar que “o problema do sistema monogâmico, como de qualquer outro, não é a sua prática concreta, mas a obrigatoriedade dessa prática e a eliminação de qualquer outra possibilidade de existência” (Vasallo, 2022, p. 72). Existem diversas formas de relações afetivas e amorosas, em sentido não romântico, em que há carinho e cuidado. Por que, então, “apenas as relações nas quais há a presença de vínculo sexual e/ou romântico são consideradas relações? Não são também relações amorosas outras tantas que podemos ter sem essa centralidade sexual e romântica?” (Núñez, 2023, p. 56). Outro problema é a naturalização do monopólio da monogamia, e é fundamental questionar a imposição dessa ideologia, que afirma que só seriam válidas e verdadeiras as relações moldadas de acordo com as normas por ela estabelecidas.

3 Amor romântico

Considerando questionamentos que aparecem em diferentes produções culturais sobre os sentidos do amor, comumente entendido em sua acepção romântica, a filósofa canadense Carrie Jenkins (2017) realizou um trabalho de metafísica analítica com o intuito de estabelecer uma teoria que defina o amor romântico. A pesquisadora declara, com base em bell hooks, que uma definição é importante para evitar que abusos sejam compreendidos de modo errôneo como expressões amorosas, e afirma que muitos filósofos que se dedicaram a esse tema assumiram, sem questionamentos, uma visão monogâmica, com alguns chegando a tratar a monogamia como um traço característico que distinguiria o amor romântico de outras formas de expressão amorosa.



Aliando pesquisas de diferentes áreas de estudo aos debates filosóficos, Jenkins (2017) investiga as interações entre a biologia e o perfil social do amor, defendendo que uma teoria sobre o amor deve acomodar igualmente os dois aspectos, pois ambos retratam de forma complementar a realidade complexa de que o amor possui uma natureza dual.

Além da constituição dupla, a filósofa indica a existência de duas visões contraditórias e recorrentes sobre o amor. Uma delas o reconhece como uma significativa força social que instiga as pessoas a tomarem importantes decisões de vida, enquanto a outra percebe o amor como um mistério inexplicável. Embora conflitantes, essas percepções coexistem, e a autora frisa que “tratar o amor como algo extremamente importante, mas totalmente incompreensível, não deveria nos parecer normal”⁴ (Jenkins, 2017, local. 226, tradução nossa). Além disso, a segunda visão fomenta a ideia de que a incompreensibilidade faz parte daquilo que seria “especial” sobre o amor, e Jenkins (2017) nomeia essa perspectiva do amor como misterioso, irracional e intuitivo de “mística romântica” (*romantic mystique*)⁵. Diversas representações em produções culturais seguem essa mística e fazem parte do processo de construção, compreensão e disseminação sobre o que seria o amor. Jenkins (2017) alerta que esse ideal romântico nos encoraja a aceitar passivamente a “natureza” do amor, ao invés de tentar compreendê-la e/ou alterá-la, e sustenta que a “mística romântica” é uma ideologia desempoderadora que celebra a ignorância e a aquiescência às normas do sistema monogâmico.

A teoria elaborada pela pesquisadora canadense rejeita tratar o amor romântico simplesmente como um fenômeno biológico ou como um produto sociocultural, defendendo uma estrutura dual que considere tanto os aspectos da biologia quanto da cultura. Para apresentar as teorias biológicas que afirmam que o amor é um fenômeno químico cerebral, Jenkins (2017) utiliza, principalmente, o trabalho de Helen Fisher, dedicado a identificar a neuroquímica e a neurofisiologia envolvidas no amor a partir de experimentos com ressonância magnética. Uma das principais hipóteses de Fisher é a de que o amor romântico seria um “impulso” (*drive*) biológico que nos motivaria a agir – no sentido de encontrar um(a) parceiro(a) para reproduzir – a fim de preservar a espécie.

O estudo de Fisher aponta para o envolvimento da dopamina na produção de algumas

4 “Treating love as massively important yet totally incomprehensible shouldn’t strike us as normal”.

5 Este conceito é inspirado na definição de Betty Friedan (1963) de “mística feminina” (*feminine mystique*), que mistifica e glorifica simultaneamente a feminilidade, afirmando que ela “é tão misteriosa, intuitiva e próxima à criação e à origem da vida que a ciência humana pode nunca ser capaz de compreendê-la”, além de afirmar que “a raiz dos problemas das mulheres do passado era que elas invejavam os homens e tentavam ser como eles ao invés de aceitar sua própria natureza, que só pode encontrar realização na passividade sexual, na dominação masculina e nutrindo o amor materno” (Friedan, 1963 *apud* Jenkins, 2017, local. 204, tradução nossa). No original: “femininity is so mysterious and intuitive and close to the creation and origin of life that man-made science may never be able to understand it”; “the root of women’s troubles in the past is that women envied men, women tried to be like men, instead of accepting their own nature, which can find fulfillment only in sexual passivity, male domination, and nurturing maternal love”.



das atividades características do intenso amor romântico, como o foco obsessivo direcionado à parceria amorosa. A cientista considera a função do neurotransmissor altamente significativa para sustentar a hipótese de que o amor romântico seria um impulso fundamentalmente humano, pois todas as necessidades humanas básicas estão associadas a elevados níveis de dopamina. Assim, Fisher “considera o envolvimento da dopamina no amor romântico como evidência de que o amor romântico também é um impulso básico”⁶ (Jenkins, 2017, local. 367, tradução nossa).

A pesquisa de Fisher sugere que três redes cerebrais primordiais evoluíram para direcionar o acasalamento e a reprodução, “controlando” o desejo sexual (*lust*), o amor romântico (*romantic love*), e o apego (*attachment*). A cientista relata que cada um desses elementos percorre diferentes caminhos no cérebro e está relacionado a diferentes neuroquímicos: a testosterona é associada ao desejo sexual; a dopamina está vinculada ao amor romântico; e o apego é ligado à oxitocina e à vasopressina (Jenkins, 2017). Fisher propõe, então, uma teoria evolucionista para a união de pares heterossexuais monogâmicos a partir do amor romântico na espécie humana. Jenkins (2017) aponta que o trabalho da pesquisadora estadunidense mistura os resultados científicos dos experimentos com uma teorização metafísica sobre a origem do amor romântico, e ressalta que esse segundo aspecto não tem nada de biológico *per se*.

Com sua perspectiva filosófica, Jenkins (2017) questiona alguns atributos do estudo de Fisher, como a taxonomia utilizada, que considera a presença de amor romântico apenas nas relações em que há um alto nível de dopamina, ou seja, de intenso envolvimento emocional. Relacionamentos calmos e estáveis, portanto, não deveriam ser considerados como expressões possíveis do amor romântico? Além disso, a teoria de Fischer seria capaz de explicar, sem patologizar, os casos de pessoas que não sentem desejo sexual e/ou atração romântica? A partir de questionamentos como esses, a filósofa afirma que “o amor romântico não possui um tamanho que serve para todos, e uma teoria adequada simplesmente precisa lidar com isso”⁷ (Jenkins, 2017, local. 389, tradução nossa).

O problema central de uma teoria puramente biológica sobre o amor romântico, como Jenkins (2017) destaca, é o de não considerar as influências socioculturais na maneira como o amor é compreendido e expressado. Mesmo que a biologia reconheça que o amor apresenta alterações em nível biológico, já que cada corpo é único e os níveis da química cerebral podem variar, ela é incapaz de explicar adequadamente as transformações do amor romântico ao longo do tempo e os significados sociais que ele adquire em diferentes comunidades.

Em contrapartida, as teorias que interpretam o amor como um artefato cultural consideram

6 “[...] she counts the involvement of dopamine in romantic love as evidence that romantic love is likewise a basic drive”.

7 “[...] romantic love is not one-size-fits-all, and an adequate theory simply has to deal with this”.



que as pessoas são moldadas pela sociedade em que vivem, de modo que a cultura influencia os pensamentos, as falas e as ações de todos que dela fazem parte. Nessa perspectiva, o amor romântico é uma construção social⁸, “[...] produto de expectativas sociais, tradições e normas ao invés de ser um fenômeno biológico”⁹ (Jenkins, 2017, local. 608, tradução nossa). Utilizando o trabalho dos psicólogos Anne Beall e Robert Sternberg, que afirmam que a experiência do amor romântico, enquanto um fenômeno social, varia temporal e espacialmente, Jenkins (2017) destaca que as variações são tão grandes que afetam os próprios significados do amor. Para exemplificar, a autora demonstra que o amor romântico nem sempre foi vinculado às práticas sexuais, citando a percepção da era vitoriana, que concebia o amor como algo nobre e admirável, e do período iluminista europeu, que via o amor como possível de estar sob o domínio da razão. Mesmo que seja possível considerar uma “universalidade” do amor, devido à sua presença em distintas sociedades, os significados que ele adquire são substancialmente discrepantes. Esses diversos sentidos do sentimento amoroso refletem ideias culturais sobre a humanidade, de modo que diferentes concepções “implicitamente definem o que é apropriado e desejável nas relações humanas”¹⁰ (Beall; Sternberg, 1995 *apud* Jenkins, 2017, local. 683, tradução nossa).

Nesse viés construcionista, o amor romântico é um fenômeno relativamente recente, originado nos países cristãos europeus, utilizado como instrumento de apoio para o sistema da monogamia. Jenkins (2017) afirma que ele possui a função social, distintiva de outras formas de amor, de estruturar a sociedade delineando os modos como os relacionamentos sexo-afetivos devem ser configurados, tornando-se a base para o casamento reprodutivo e para a constituição da família nuclear. A autora observa que as culturas que possuem o amor romântico como modelo primário de vida influenciam no desejo das pessoas de se organizarem, a partir do casamento, em núcleos familiares monogâmicos. A filósofa ressalta que esse mecanismo “funciona tão bem que se torna fácil esquecer que a família nuclear não é a única maneira de estruturar a vida”¹¹ (Jenkins, 2017, local. 737, tradução nossa). Esse esquema de organização social foi disseminado ao redor do mundo pelos processos colonizadores europeus e reforçado pelo imperialismo estadunidense; ambos propagaram o modelo monogâmico de amor romântico através de produções culturais e dos movimentos mais violentos da colonização e do imperialismo, que relegaram às margens

8 A pesquisadora canadense adverte que as construções sociais não são meras invenções sem efeitos na vida cotidiana: “muitas construções sociais são reais, e algumas são horríveis. Se o amor romântico é de fato uma construção social, isso não significa que não seja algo sério” (Jenkins, 2017, local. 715, tradução nossa). No original: “many social constructs are real, and some of them are really awful. If romantic love is indeed a social construct, that doesn’t mean it isn’t serious business”.

9 “[...] romantic love is a product of social expectations, traditions, and norms rather than a biological phenomenon”.

10 “Different ways of socially constructing love ‘implicitly define what is appropriate and desirable in human relations’”.

11 “It works so well that it becomes easy to forget that the default nuclear family is not the only way to structure life”.



– e, muitas vezes, ao extermínio – todos aqueles que resistissem às imposições da ordem social defendida, como aconteceu com os povos indígenas.

Jenkins (2017) destaca que essa concepção ocidental do amor romântico só se sustenta em sociedades predominantemente individualistas – capitalistas e neoliberais, portanto –, organizadas em torno de famílias nucleares, garantindo benefícios para aqueles que se adequam ao modelo e dificultando a possibilidade de saída ou de alternativas ao padrão estabelecido. A filósofa retoma o pensamento de Beall e Sternberg para afirmar que as sociedades mantêm o funcionamento dessa estrutura a partir de uma autodisciplina: “[...] as pessoas regulam as suas experiências amorosas, e as dos outros ao seu redor, encorajando manifestações favorecidas e desencorajando outras de acordo com as normas do ambiente social”¹² (Jenkins, 2017, local. 643, tradução nossa). Além disso, a autora aponta para a romantização do amor romântico, que instiga as pessoas a se adequarem à ordem social por ele defendida – ou seja, para o casamento e a constituição de famílias nucleares –, concluindo que esse é o verdadeiro poder do amor.

3.1 AMATONORMATIVIDADE

A filósofa estadunidense Elizabeth Brake (2012) realizou uma investigação ética sobre a moralidade e a legalidade do casamento, analisando as consequências deste para a sociedade em geral, mas, particularmente, para as mulheres e para as pessoas que não se adequam ao modelo romântico e monogâmico que o casamento reconhece como o único possível. O estudo possui três teses centrais, sendo a primeira a defesa de que o casamento deve ser “des-moralizado”, no sentido de não ser associado à moralidade, pois ele não teria estatuto moral ou poder transformativo em si mesmo. A segunda tese afirma que a grande importância jurídica e social concedida ao casamento e a relações análogas é injustificado, e a pesquisadora reconhece que esse privilégio marginaliza outras formas de relacionamentos afetivos que não se adequam à norma marital. Por fim, a terceira tese postula, com o intuito de democratizar o matrimônio, que “[...] uma lei verdadeiramente liberal para o casamento expandiria a categoria legal de casamento de maneiras surpreendentes, minimizando restrições especiais à entrada, saída e ao que acontece durante [a união conjugal]”¹³ (Brake, 2012, p. 1, tradução nossa).

A filósofa afirma que existem três elementos seculares do casamento que poderiam carregar significação moral especial: “a troca contratual de direitos e responsabilidades no matrimônio, o

12 “[...] people regulate their own experiences of love, and those of others around them, by encouraging favored manifestations and discouraging others in accordance with the norms of their social setting”.

13 “[...] a truly politically liberal law of marriage would expand the legal category of marriage in surprising ways, minimizing special restrictions on entry, exit, and what transpires between”.



reconhecimento social da relação marital, e o tipo ideal de relacionamento associado ao casamento”¹⁴ (Brake, 2012, p. 3, tradução nossa). Ao longo de seu trabalho, a pesquisadora analisa e desconstrói cada um desses elementos, a fim de argumentar a favor da tese central de que o casamento não é, por si só, moral nem moralizante. A autora afirma que o matrimônio, “ao invés de gerar compromissos, proporciona uma forma social para a sua expressão e provoca a pressão para mantê-los”¹⁵ (Brake, 2012, p. 4, tradução nossa). Além disso, ela defende que “o casamento não é privado; é uma instituição social excludente”¹⁶ (Brake, 2012, p. 7, tradução nossa), argumentando que a assunção de que os relacionamentos mais valiosos, social e juridicamente, devem ser amorosos e maritais desvaloriza outras relações afetivas de cuidado.

A desproporcional valorização sociocultural dada a esse modelo de relacionamento – monogâmico, romântico, conjugal –, e a suposição de que ele é um objetivo universal, é definida por Brake (2012) como “amatonormatividade”. Resgatando o estudo de Claudia Card, a filósofa argumenta que até o casamento entre pessoas do mesmo sexo encoraja a assimilação de um ideal monogâmico hétero e amatonormativo, pois o matrimônio dita que o único vínculo afetivo de real importância é aquele estabelecido entre duas pessoas – preferencialmente de gêneros opostos, mas admitindo algumas exceções para garantir o funcionamento do sistema. Legitimado por um contrato jurídico-social, tal modelo de relação pressupõe, entre outras coisas, exclusividade afetivo-sexual, codependência e fidelidade. Além de reiterar algumas das considerações anteriormente apresentadas, com base em Brigitte Vasallo (2022), esse raciocínio é compartilhado por Jenkins (2017, local. 1834, tradução nossa), quando ela afirma que “a inclusão do amor entre pessoas de mesmo sexo no papel social do amor romântico tem sido promovida pela reafirmação da norma da monogamia”¹⁷.

Elizabeth Brake (2012, p. 8, tradução nossa) chama a atenção para o fato de que “como a raça, classe, e o sexo/gênero, o estado civil é uma categoria fundamental nas interações sociais”¹⁸, podendo ser utilizado como base para discriminação injustificada. Ela argumenta que o Estado reforça tal discriminação através da promulgação e aplicação de leis que privilegiam uma forma específica de relacionamento, garantindo direitos e *status* de família ao casal que o compõe,

14 “There are three salient secular elements of marriage that may carry special moral significance: the contractual exchange of rights and responsibilities in legal marriage, social recognition of the marital relationship, and the ideal relationship type associated with marriage”.

15 “Rather than creating commitments, marriage provides a social form for their expression and provokes pressure to keep them”.

16 “Marriage is not private; it is an exclusionary social institution”.

17 “[...] the inclusion of same-sex love in the social role of romantic love has been promoted by reaffirming the norm of monogamy”.

18 “Like race, class, and sex, marital status is a fundamental category in social interaction. Like race, class, and sex, it can be the basis of unjustified discrimination”.



sem assegurar o mesmo para outras composições afetivas. A filósofa também analisa os efeitos da “invisibilidade” e centralidade que o casamento possui sobre as vidas e as imaginações das pessoas, afirmando que “ele define nosso entendimento sobre sexo lícito e ilícito, sobre espaços públicos e privados, sobre desejabilidade e dependência”, e advertindo que esses ideais fomentam “a pobreza feminina e infantil, a violência doméstica, a cultura do estupro, e ameaças aos direitos reprodutivos”¹⁹ (Brake, 2012, p. 8, tradução nossa). A partir dessas considerações, a autora proclama que questionar as normas socioculturais sobre os afetos e reivindicar reformas das leis que regulam as uniões sexo-afetivas são urgentes questões de justiça.

No quarto capítulo de seu estudo, Elizabeth Brake (2012) examina a ideia de que o casamento promove uma forma ideal de relacionamento amoroso e critica a noção de que a união marital teria valor moral por promover relações de cuidado, afirmando que, além de não garantir direitos nem cuidado para os integrantes do casal, ele, ao contrário, desvaloriza outros modelos de relacionamentos afetivos. Mesmo que o casamento seja uma instituição falha, já que não promove eficientemente relações de cuidado e pode resultar em situações de abuso ou de cuidado unidirecional, ele estabelece os limites de quais formatos de relações, expressões afetivas e práticas sexuais são aceitáveis e, em certo sentido, “compulsórias”. Ademais, a autora indica que o casamento é responsável por separar as pessoas de suas comunidades, garantindo a formação de famílias nucleares e perpetuando uma mentalidade individualista que favorece os sistemas que sustentam esse padrão de organização social.

A filósofa utiliza o conceito de amatonormatividade para demonstrar como o casamento ameaça o “cuidado” (*care*) em seu sentido mais abrangente, pois “a crença de que o casamento e o amor romântico têm um valor especial leva a ignorar o valor de outras relações de cuidado”²⁰ (Brake, 2012, p. 88, tradução nossa). A amatonormatividade lança luz sobre as pressuposições socioculturais de que esse modelo de relacionamento é “normal”, além de iluminar o mandamento tácito de que *todos* devem almejá-lo e de que serão penalizados caso não o façam. Além de demonstrar como diversas relações afetivas são menosprezadas por causa dessa estrutura, como é o caso das amizades, a autora indica que diversas pessoas e grupos são discriminados e relegados à invisibilidade cultural por serem dissidentes do padrão, como os poliamorosos e os assexuais.

O conceito de amatonormatividade foi moldado com base na heteronormatividade, que

19 “Marriage is so widespread as to be invisible. Many of us accept it as we find it, including the central role it plays in our lives and imaginations, the way it shapes our understandings of licit and illicit sex, public and private spheres, and the desirability of dependency. These understandings feed into female and child poverty, domestic violence, rape culture, and threats to reproductive rights. Rethinking marriage is an urgent matter of justice”.

20 “The belief that marriage and companionate romantic love have special value leads to overlooking the value of other caring relationships”.



assume como prescritivas a heterossexualidade e a diferença de gênero, além de normatizar “papéis” distintos aos dois gêneros que definem e são definidos pela heterossexualidade. Os dois conceitos se justapõem, pois ambos reconhecem que o modelo de relacionamento monogâmico e romântico é um ideal heterossexual que o casamento protege e legitima. Críticas à heteronormatividade “põem em causa uma ampla gama de instituições sociais, porque a sexualidade e o gênero são assumidos em todo o sistema social”, tentando “tornar visível a prevalência cultural e os efeitos de tais suposições”²¹ (Brake, 2012, p. 89, tradução nossa). A subversão dos “papéis” de gênero e as demonstrações afetivas entre pessoas do mesmo sexo podem ser utilizadas como evidências de violação aos preceitos da heteronorma. De modo análogo, a amatonormatividade, que desencoraja o investimento em relações de cuidado destoantes do padrão monogâmico, pode ser percebida na vida social através da observação de insubmissões ao modelo romântico, como a rejeição à busca por uma parceria amorosa e a subversão da hierarquia afetiva com a maior valorização de outras relações de cuidado.

A amatonormatividade garante a convergência do amor romântico com o casamento e promove a discriminação de quem não se adequa ao formato prescrito pela monogamia. Elizabeth Brake (2012) aponta que, embora a amatonormatividade seja amplamente praticada, é controversa a alegação de que se trata de discriminação injusta e não apenas de um tratamento diferencial. A pesquisadora argumenta, então, que a discriminação com base nas amatonormas são moralmente erradas pelas mesmas razões que outras formas de discriminação, e defende que os custos dos preconceitos com base no estado civil não são insignificantes.

Carrie Jenkins (2017, local. 907, tradução nossa) também apresenta e comenta o conceito, afirmando que a amatonormatividade preceitua que “o amor romântico é a condição normal ou ideal para a vida humana, de modo que vidas que não o incluem são imperfeitas ou anormais”²². Em outras palavras, a amatonormatividade prescreve que o amor romântico é um requisito para uma vida satisfatória. A canadense afirma, ainda, que o conceito é tão pervasivo que chega a ser invisível, exceto para as pessoas que ele mais afeta diretamente, e destaca que qualquer desafio à amatonormatividade ou ao sistema da monogamia “representa um risco desestabilizador que atinge o cerne da função social do amor romântico”; afinal, “se o amor romântico funciona para canalizar o afeto e a atração dos adultos para famílias nucleares estáveis, é necessário evitar que

21 “Critique of heteronormativity calls into question a wide range of social institutions, because sexuality and gender are assumed throughout the social system. Such critique attempts to make visible the cultural prevalence and effects of such assumptions”.

22 “Amatonormativity says that romantic love is the normal or ideal condition for a human life, so lives that don’t include it are imperfect or abnormal”.



as pessoas acabem com múltiplos parceiros românticos ou sem nenhum”²³ (Jenkins, 2017, local. 1863, tradução nossa).

4 Análise de “Aqueles dois”

Com base nas considerações realizadas sobre o sistema da monogamia, o amor romântico e a amatonormatividade, a análise do conto “Aqueles dois” tem como objetivo apontar como a narrativa de Caio Fernando Abreu permite uma crítica ao modelo de relacionamento que é sustentado por esses elementos da estrutura monogâmica. Além disso, o conto demonstra como a monogamia interage com a homofobia, outro sistema de opressão.

A narrativa é dividida em seis partes e apresenta o desenvolvimento do relacionamento (homo)afetivo entre os personagens centrais, Raul e Saul, desde o momento em que começam a trabalhar na mesma empresa, passando pelo aumento da intimidade entre eles até terminar com a demissão de ambos. Mesmo não havendo indícios de interações românticas nem sexuais entre os protagonistas, eles são vistos pelos demais personagens – e mesmo por alguns críticos – como um casal homossexual. Desse modo, a sociedade monogâmica, romântica, hétero e amatonormativa – que, às vezes, tem seus valores reforçados pelo olhar dos leitores – é apresentada como antagonista à relação afetiva dos personagens.

É importante advertir que a homoafetividade é geralmente compreendida como sinônimo de homossexualidade, pois, “para suavizar o binarismo amor *versus* sexo, alguns até dizem ‘relação homoafetiva’, mas sabemos que o termo segue referente a relações em que se presume o vínculo sexual” (Núñez, 2023, p. 103). Como exemplo disso, alguns críticos da obra de Abreu afirmam que, em “Aqueles dois”, há “uma relação homoafetiva que fica em aberto até o final da narrativa” (Camargo, 2010, p. 131); e que não há “nenhuma cena que concretize a possível relação homoafetiva entre as personagens” (Barata, 2018, p. 457). Contudo, aqui, pensamos na homoafetividade como uma definição para relações de afeto entre pessoas do mesmo sexo/gênero, independente de envolvimento sexual. Nesse sentido, relações de amizade entre homens são homoafetivas, sem que seja necessário nenhum tipo de ato sexual para “comprovar” ou “concretizar” o vínculo afetivo²⁴.

O conto é narrado em terceira pessoa com um discurso ambíguo que não se detém sobre

23 “[...] any challenge to amatonormativity poses a distinctive destabilizing risk that goes to the heart of romantic love’s social function. If romantic love works to channel adult affection and attraction into stable nuclear family units, it is necessary to guard against people ending up with either multiple romantic partners or none at all”.

24 Esta visão está de acordo com o pensamento de Denilson Lopes (2002, p. 37-38) de que “falar em homoafetividade é mais amplo do que falar em homossexualidade ou homoerotismo, vai além do sexo-rei, bem como é um termo mais sensível para apreender as fronteiras frágeis e ambíguas entre a homossexualidade e a heterossexualidade, construídas no século passado, sem também se restringir a uma homosociabilidade homofóbica, como em tantos espaços sociais que foram tradicional e exclusivamente masculinos”.



minúcias e realiza saltos temporais entre as partes da narrativa. O primeiro segmento se inicia *in media res*, quando a relação afetiva entre os protagonistas estava estabelecida, e indica que o relacionamento demoraria para se constituir, pois, “meses depois, não no começo, quando não havia ainda intimidade para isso, um deles diria que a repartição era como ‘um deserto de almas’” (Abreu, 2015, p. 187). Logo no começo do texto, também há o reconhecimento de que os dois personagens são “diferentes”, e essa “diferença” é comumente lida como indício da possível sexualidade dissidente de ambos, mas, na leitura aqui proposta, tal diferença se limita a uma sensibilidade e a uma percepção de mundo distintas da norma, sem que isso implique em algum tipo de definição identitária. Considerando que a obra de Caio Fernando Abreu é “povoada por subjetividades que representam um amplo quadro em que questões relativas à sexualidade ou gênero escapam dos modelos socialmente legitimados” e que o autor é reconhecido por atacar “qualquer sistema ideológico que pode marginalizar as diferenças ou que pode excluir o sujeito que deseja se realizar emocionalmente ou sexualmente conforme suas próprias escolhas” (Calegari, 2009, p. 17), julgamos que uma das propostas centrais da narrativa é a de criticar a constante necessidade de classificações afetivas.

A primeira parte do conto apresenta os protagonistas, que possuíam nomes, idades e experiências de vida próximas: “Raul tinha um ano mais que trinta; Saul, um a menos. Mas as diferenças entre eles não se limitavam a esse tempo, a essas letras. Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminara um dia” (Abreu, 2015, p. 188). O estado civil dos personagens chama a atenção de Lizandro Carlos Calegari (2009, p. 13), que sugere que a principal afinidade entre os dois “talvez seja a de não aderirem ao casamento”. A renúncia ao matrimônio não é explicada, havendo apenas o indicativo de que os personagens fracassaram nas tentativas de adequação à conjugalidade²⁵. No caso de Raul, a falta de reprodução parece estar implicada no término da união marital; e, para Saul, o matrimônio sequer chegou a acontecer. Considerando que os dois estabelecem uma relação (homo)afetiva, podemos afirmar que o conto critica a imposição do modelo de relação amorosa estabelecido pela sociedade monogâmica, romântica, hétero e amatonormativa.

Outra semelhança entre os personagens é que eles recorrem à arte para extravasar suas frustrações: Raul toca violão e canta boleros, Saul desenha, e os dois compartilham interesse pelo

25 Calegari (2009, p. 13) reafirma algumas das considerações apresentadas anteriormente ao dizer que “o casamento, além de ser uma prática que corrobora o heterossexismo compulsório e sustenta o patriarcado, serve para reconhecer como autêntica a sexualidade feminina ou masculina. Afora isso, o casamento faz parte de um sistema cujas instâncias legitimadoras (a família, a igreja, as leis) dão credibilidade a um perfil de homem ou de mulher que a sociedade exige possuir”. O crítico observa que, no conto de Caio Fernando Abreu, a recusa dos personagens de aderir ao matrimônio pode indicar tanto a rejeição às normas sociais quanto a queda de um modelo de homem que é exigido pela sociedade.



cinema. Após apresentar sumariamente os protagonistas, o conto realiza um salto para o início da cronologia, mostrando como eles se conheceram: “Passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os exames. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um” (Abreu, 2015, p. 188). Após os cumprimentos iniciais, os dois se afastam e mantêm apenas a cordialidade no ambiente de trabalho, mas a parte de abertura da narrativa se encerra com um prenúncio do que acontecerá: “que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Mas tão lentamente que eles mesmos mal perceberam” (Abreu, 2015, p. 189).

A segunda parte do conto é iniciada com a constatação de que “eram dois moços sozinhos” (Abreu, 2015, p. 189), sem familiares nem amizades na cidade. Isso indica que os personagens se mudaram de seus locais de origem para assumirem os cargos de trabalho. Apesar de não terem ninguém além de si próprios, cada um tinha consigo objetos que são listados antes da descrição de suas aparências físicas. É interessante observar que a apresentação física dos personagens é realizada a partir do olhar dos colegas de trabalho, que expressa, metonimicamente, o olhar da sociedade²⁶: “Eram dois moços bonitos, todos achavam. As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiram, tão altos e altivos, comentou de olhos arregalados uma secretária” (Abreu, 2015, p. 190).

A relação entre os protagonistas começa a se formar apenas na terceira parte da narrativa, graças a uma situação imprevista em que “Saul chegou atrasado e respondendo a um vago que-que-houve contou que tinha ficado até tarde assistindo a um velho filme na televisão” (Abreu, 2015, p. 191). Raul pergunta qual era o filme, e o outro responde em voz baixa que era *Infâmia*²⁷, dizendo que era antigo e ninguém conhecia, ao que Raul revida: “como ninguém conhece? Eu conheço e gosto muito, não é aquela história das duas professoras que” (Abreu, 2015, p. 192). A frase termina em suspenso pois, no filme, as professoras são acusadas de serem lésbicas. A obra cinematográfica espelha o texto literário, pois Raul e Saul “encerrarão a sua história no conto enfrentando situação similar à retratada no filme” (Barata, 2018, p. 477).

A descoberta do interesse em comum pelo cinema instiga o início do relacionamento dos personagens, que conversam enquanto tomam café durante o expediente, e a narração reitera uma distinção fundamental entre os protagonistas e o espaço de trabalho: “no que restava daquela manhã fria de junho, o prédio feio mais feio do que nunca parecendo uma prisão ou clínica psiquiátrica,

26 Ratificando a afirmação de Calegari (2009, p. 15) de que a empresa em que os personagens trabalham “pode ser tomada como uma alegoria para se pensar a estrutura social”. O pesquisador retoma Connell (1995) para definir a sociedade como sendo “culturalmente masculinizada, atendendo aos propósitos do heterossexismo compulsório”.

27 *The Children's Hour* (1961), dirigido por William Wyler e estrelado por Shirley MacLaine e Audrey Hepburn.



falaram sem parar sobre o filme” (Abreu, 2015, p. 192). Enquanto os personagens centrais são retratados como indivíduos sensíveis, com apreço artístico, a empresa é descrita como um “deserto de almas” e comparada a instituições autoritárias. Pensando na forma como o conto descreve o local de trabalho como um espaço desumanizado, em que era preciso ter constante cautela, pode-se afirmar que a narrativa critica o sistema de organização capitalista baseado na produção e competitividade. Essa crítica não se limita apenas ao espaço de trabalho, pois, considerando-o uma metonímia da sociedade, como sugere Calegari (2009), o conto faz uma avaliação mais ampla do funcionamento da sociedade hegemônica regulada pela lógica capitalista, condenando a ausência de afeto e de sensibilidade nessa ordem social.

O restante da terceira parte do conto e as duas seguintes apresentam o aumento da intimidade entre os personagens, cujas conversas sobre filmes evoluem para “histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e sobretudo queixas” (Abreu, 2015, p. 192). A relação entre os dois se torna cada vez mais exclusiva, pois, embora as moças do trabalho os convidassem para eventos sociais, dos quais ambos inicialmente se esquivam, ao participarem, eles “quase sempre enfiavam-se pelos cantos e sacadas para trocar históricas intermináveis” (Abreu, 2015, p. 192-193). Desse modo, Raul e Saul estabelecem um vínculo afetivo de amizade²⁸ estruturalmente equiparável ao modelo romântico monogâmico, corroborando as observações de que “amizades íntimas entre duas pessoas se assemelham à estrutura do casamento”²⁹ (Brake, 2012, p. 92, tradução nossa), e que algumas amizades “[...] se assemelham ao ideal amatonormativo, exceto pela falta de amor romântico e sexo”³⁰ (Brake, 2012, p. 96, tradução nossa).

Considerando o elemento de exclusividade no relacionamento entre os personagens, vale frisar, retomando Brigitte Vasallo (2022, p. 53), que “a ideologia da exclusividade se estende a todos os aspectos da vida contemporânea” e que a positivação da exclusividade alimenta três constantes no imaginário social: a supremacia, a positivação do poder e a competitividade, sendo esse último elemento “o mecanismo básico de todos os processos e estruturas que ocorrem no mundo capitalista” (Vasallo, 2022, p. 55). Concomitante ao desenvolvimento do relacionamento afetivo dos protagonistas, portanto, surge a desconfiança das pessoas ao redor: “as moças em volta espiavam, às vezes cochichavam sem que eles percebessem” (Abreu, 2015, p. 194). A competitividade aparece a partir do olhar das moças da repartição, que começam a vigiar a proximidade entre os personagens centrais.

28 Elizabeth Brake (2012, p. 95, tradução nossa) afirma que as amizades “estão no mesmo nível dos relacionamentos amorosos em sua função e significação emocional”. No original: “Friendships and adult care networks are on a par with amorous relationships in their function and emotional significance”.

29 “Intimate two-person friendships closely resemble marriages in structure”.

30 “[...] friendships closely resemble the amatonormative ideal except for their lack of romantic love and sex”.



Ao final da quarta parte, um evento banal desencadeia reações homofóbicas no trabalho. Aos domingos, Raul visitava Saul, e, em uma dessas visitas, acabou dormindo no sofá do amigo, porque chovia muito e não poderia voltar para casa. No dia seguinte, ambos chegaram à empresa com os cabelos molhados do chuveiro: “Nesse dia as moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas enigmáticas” (Abreu, 2015, p. 195). Analisando esse momento da narrativa, Calegari (2009) aponta que a chegada dos personagens ao trabalho com os cabelos molhados parece sinalizar, aos colegas, que ambos estiveram juntos na noite anterior e que teriam mantido relações sexuais. Diante dessa possibilidade, que parece indubitável aos colegas, que já estavam desconfiados da proximidade entre os protagonistas, tanto os homens como as mulheres expressam algum tipo de desprezo, e “a homofobia é estimulada, justamente por eles [Raul e Saul] deixarem manifestos indícios que apontam para algum tipo de comportamento que foge ao padrão sexual socialmente legitimado” (Calegari, 2009, p. 14).

A quinta parte do conto é centralizada na exclusividade e na intensidade do vínculo afetivo entre os protagonistas. Raul passa uma semana fora da cidade em decorrência da morte da mãe, o que deixa Saul sozinho e desamparado, como era antes do início do relacionamento entre eles. Na ausência do amigo, Saul sonha que “caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro” (Abreu, 2015, p. 196). O sonho se realiza quando Raul retorna e, em um momento em que ele começa a chorar, “Saul estendeu a mão, e quando percebeu seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos ficaram que um podia sentir o cheiro do outro” (Abreu, 2015, p. 196). Esse abraço é o único contato físico entre os personagens descrito ao longo da narrativa, e, logo em seguida, há uma confirmação do vínculo afetivo entre eles: “Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa como você tem a mim agora, e para sempre” (Abreu, 2015, p. 197).

Por fim, a narrativa se encerra com a demissão dos dois personagens devido às desconfianças dos colegas de trabalho. O chefe de seção os chama para conversar e afirma que havia recebido cartas anônimas que denunciavam o relacionamento entre os protagonistas: “ouviram expressões como ‘relação anormal e ostensiva’, ‘desavergonhada aberração’, ‘comportamento doentio’, ‘psicologia deformada’” (Abreu, 2015, p. 198). Os termos utilizados, assinados por “Um Atento Guardião da Moral”, são explicitamente homofóbicos, e, a respeito desse sistema opressivo,



Calegari (2009, p. 16) afirma que

[...] a homofobia ameaça as aspirações de felicidade das pessoas cujo comportamento parece não atender às prerrogativas do heterossexismo compulsório e o seu discurso é inquestionável e irrepreensível. Ou seja, a mera pressuposição de que os dois indivíduos são homossexuais assegura a sua verdade. A homofobia não é generosa em seus julgamentos. Em situações em que pode haver simplesmente uma forte amizade entre sujeitos de mesmo sexo, existe a possibilidade de eles serem julgados impiedosamente.

Flávio Pereira Camargo (2010, p. 152) apresenta como um aspecto significativo da narrativa “o fato de a relação entre Raul e Saul, que é apenas sugerida pelo narrador, não se concretizar, pois não há a ocorrência do ato sexual em si”. Essa ideia de que as práticas sexuais “concretizam” vínculos afetivos corrobora uma lógica amatonormativa. Apesar disso, o pesquisador afirma, em seguida, que “não importa se há ou não uma relação homoerótica concretizada entre os protagonistas”, pois a crítica central da narrativa “é a intolerância da sociedade diante de um comportamento considerado ‘diferente’” (Camargo, 2010, p. 152).

Lizandro Carlos Calegari (2009, p. 12) afirma que o conto “problematiza a exclusão social de indivíduos que não atendem à heteronormatividade”, destacando que “não é um conto que se volta prioritariamente à questão do homossexualismo [sic], porque a relação dos rapazes como amantes é apenas representada obliquamente; é antes sobre homofobia, porque é essa dinâmica que é diretamente enfatizada no texto” (Calegari, 2009, p. 16). Em concordância com essa visão, Paulo José Valente Barata (2018) evidencia que “Aqueles dois” apresenta uma sociedade heteronormativa compulsória que pune os protagonistas por vê-los como indivíduos discordantes do padrão, julgando-os homossexuais. O pesquisador assevera que “em nenhum momento a relação entre os protagonistas reconhece-se como homossexual” (Barata, 2018, p. 467), e afirma que o conto “expõe uma sociedade em que a homofobia age de modo imperativo sobre a vida dos protagonistas” (Barata, 2018, p. 458).

Mesmo que a homossexualidade dos personagens seja apenas presumida, tal presunção é suficiente para gerar uma reação desmedida por parte da sociedade que vigia e pune todos que não se adequem à ordem social estabelecida. Isso evidencia o imbricamento do sistema da monogamia, do amor romântico, da hetero-amatonormatividade com a homofobia. Todos operam em conjunto para garantir uma determinada organização social que valoriza relações maritais monogâmicas, preferencialmente heterossexuais, e pune outras formas de afetividade. Em “Aqueles dois” não há indícios de haver interesse romântico nem sexual entre os protagonistas, mas há a certeza de que eles encontram apoio e conforto um no outro a partir de uma relação afetiva que não é compreendida pela sociedade em que estão inseridos, pois “o olhar do outro, de uma sociedade cuja matriz é a heterossexual, não admite a hipótese de uma relação afetiva entre dois homens” (Camargo, 2010, p. 142).



5 Considerações finais

O conto analisado de Caio Fernando Abreu permite observar a atuação do sistema da monogamia, juntamente com outros elementos que integram o seu funcionamento – como o amor romântico, a hetero e amatonormatividade – e o imbricamento da estrutura monogâmica com a homofobia, outro sistema opressivo. Em “Aqueles dois” os personagens centrais estabelecem uma relação afetiva que, por ser exclusiva e estruturalmente próxima do modelo romântico e marital, é suposta como sendo, também, de natureza sexual. Os protagonistas, então, são percebidos pelos colegas de trabalho, cujo olhar mimetiza a visão da sociedade hegemônica, como um casal homossexual, logo sendo julgados e punidos por se desviarem da ordem social, mesmo que tal desvio seja apenas presumido.

A narrativa nos auxilia a repensar sobre o imperativo da monogamia e a atuação da amatonormatividade, que reconhecem apenas as relações afetivas que se adequam ao molde romântico por elas estabelecido. O sistema monogâmico é tão poderoso e disseminado que define, no imaginário sociocultural, o único modo de relacionamento amoroso possível e válido. Contudo, fazendo coro a Geni Núñez (2023), é preciso descolonizar os afetos das normas implantadas pelos processos colonizadores europeus, resgatando e abrindo espaço para alternativas, enfatizando que “nosso valor no mundo não deveria estar consignado ao olhar do amor romântico” (Núñez, 2023, p. 132). A ausência de uma parceria romântica e/ou sexual, ou a presença de várias, não deveria ser percebida como um problema, mas como uma preferência. Os vínculos afetivos não românticos nem sexuais, por mais próximos que sejam do modelo amatonormativo, também não deveriam ser interpretados e julgados sob a ótica monogâmica, como se ela fosse a única existente. Relações de afeto e cuidado devem ser reconhecidas e valorizadas, não inferiorizadas pela hierarquia monogâmica.

Brigitte Vasallo (2022, p. 203) declara que, “em um mundo montado para e pelo casal, qualquer outra opção de vida é uma vertigem constante”, e este artigo tentou se debruçar sobre essa vertigem, observando o funcionamento do sistema da monogamia, apontando para outras possibilidades relacionais e advertindo sobre as consequências da imposição da monogamia sobre as vidas dissidentes da norma. As práticas monogâmicas são problemáticas por se imporem como as únicas legítimas, e rejeitá-las não significa desencorajar completamente relações românticas, exclusivas e centrais, como determinadas pela amatonormatividade; ao contrário, a rejeição dessa imposição significa que, mesmo que os relacionamentos adequados ao sistema monogâmico sejam valorizados, é razoável pensar em alternativas relacionais e que elas devem ser reconhecidas e respeitadas em suas diferenças.



Referências

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BARATA, Paulo José Valente. “Aqueles dois”: a heterossexualidade compulsória, a moral, o julgamento e as metáforas do amor sob o olhar de Caio Fernando Abreu. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 21, p. 455-485, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143146>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- BRAKE, Elizabeth. *Minimizing marriage: marriage, morality, and the law*. Oxford: Oxford University Press, 2012. (Studies in Feminist Philosophy).
- CALEGARI, Lizandro Carlos. O homoerotismo em Caio Fernando Abreu: a perspectiva queer em Morangos mofados. *Revista Língua & Literatura*, São Paulo, v. 11, n. 16, p. 1-18, 2009. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/98>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- CAMARGO, Flávio Pereira. *Revento as margens: a (auto)representação de personagens homossexuais em contos de Caio Fernando Abreu*. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/5932?locale=fr>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- JENKINS, Carrie. *What love is: and what it could be*. New York: Basic Books, 2017. *E-book*.
- LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- NÚÑEZ, Geni. *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar*. São Paulo: Paidós, 2023.
- VASALLO, Brigitte. *O desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos*. Tradução: Mari Bastos. São Paulo: Elefante, 2022.

